

“Associativismo, profissões e políticas públicas – III Seminário Nacional de Trabalho e Gênero”

Imagens e representações sociais de gênero e de trabalho

As mulheres do manejo de pirarucu de Maraã / Amazonas

Rafael Castanheira Pedroso de Moraes¹

¹ Rafael Castanheira é mestrando em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Formado em Comunicação Social, tem especialização em Fotografia Como Instrumento de Pesquisa nas Ciências Sociais pela Universidade Candido Mendes, no Rio de Janeiro.

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa que discute o estatuto da fotografia documental contemporânea a partir de uma série de fotografias produzidas por mim entre 2006 e 2009 sobre o manejo de pirarucu (*Arapaima gigas*) desenvolvido pela Colônia de Pescadores Z-32 de Maraã, no Amazonas. O manejo é realizado num complexo de lagos inserido na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e, apesar de a pesca manejada do pirarucu nessa região ser uma atividade praticada por homens em sua maioria, as mulheres exercem um papel de importância fundamental, sejam como pescadoras, monitoras ou ajudantes na organização dos trabalhos. Dessa forma, o artigo propõe-se a apresentar as imagens das mulheres do manejo e discutir a representação feminina na pesca e suas relações socioculturais com os colegas, família e meio ambiente.

Palavras-chave: Mulher pescadora, manejo de pesca e fotografia documental

Introdução

A Colônia de Pescadores Z-32 de Maraã, no Amazonas, reúne mais de 600 pescadores associados e desenvolve com o apoio técnico do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM) o manejo de pirarucu desde 2002 no Complexo do Lago Preto, área de 18,5 quilômetros quadrados, inserida na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM).

A RDSM foi criada em 1990 pelo governo do Estado do Amazonas, compreendendo uma área de 1.124.000 hectares, delimitada pelos rios Solimões, Japurá e Uati-Paraná, na região do médio Solimões, próxima a cidade de Tefé (600 km a oeste de Manaus), onde se encontra a sede do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (SCM, 1996). Trata-se de uma categoria de Unidade de Conservação (UC)² cuja área protegida é de uso sustentado com o objetivo de promover a conservação da biodiversidade e a exploração racional dos recursos naturais por parte de seus habitantes.

² Unidades de Conservação são áreas legalmente definidas para a conservação dos recursos naturais. Existem duas categorias de Unidades de Conservação no Brasil: as de Uso Sustentável e as de Proteção Integral. No caso das UC's de uso sustentável, posteriormente à proteção da diversidade biológica, dos recursos genéticos, das espécies ameaçadas e da diversidade dos ecossistemas, o Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC) estabelece ainda outras regulamentações que procuram compatibilizar a conservação à ocupação humana (Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000 - SNUC).

Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

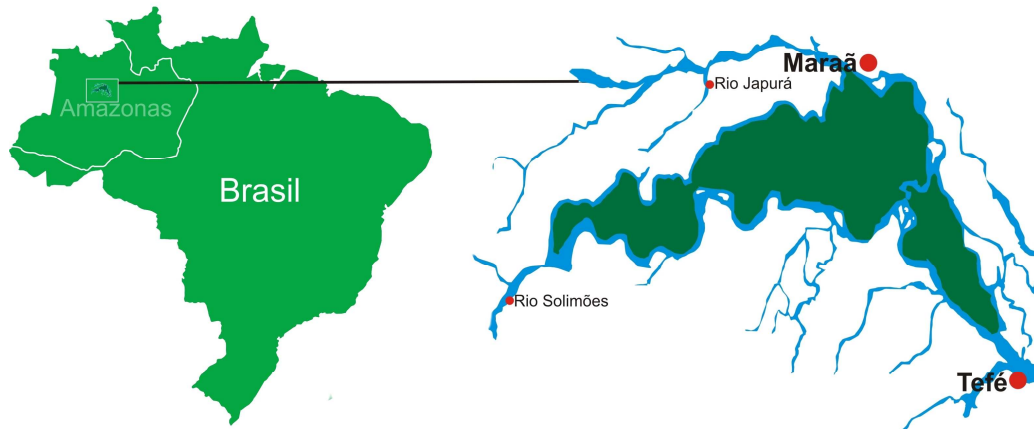


Figura 1: Mapa do Brasil e a Reserva Mamirauá.

Fonte: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM).

A pesca comercial na Amazônia se desenvolveu acentuadamente desde a década de 70, quando o Governo Federal passou a estimular a ampliação e a aparelhagem da frota pesqueira e de frigoríficos da Amazônia (BRITO et al., 1975 apud BARTEHM, 1999). No entanto, o controle da atividade pesqueira – e de seu impacto ambiental – não acompanhou o aumento da capacidade de captura e estocagem de pescado, causando uma redução nos estoques de espécies de maior importância comercial como, por exemplo, o pirarucu e o tambaqui.

Devido ao declínio da população de pirarucu em toda a Bacia Amazônica, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) interditou, em 1989, a captura e comercialização de indivíduos com tamanho inferior a 150 cm. Em 1990, a pesca do pirarucu foi proibida durante o seu período de reprodução (1º de dezembro a 31 de maio). Em 1996, a captura e venda de pirarucu foram proibidas no Amazonas, exceto quando realizada por pescarias manejadas ou provenientes de cultivo (QUEIROZ e SARDINHA, 1999).

O manejo de pirarucu foi implementado inicialmente em algumas comunidades ribeirinhas da Reserva no ano de 1999 pelo Programa de Manejo de Pesca (PMP) do então Projeto Mamirauá, hoje Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – Organização Social com Contrato de Gestão assinado com o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Juntamente com o Centro Estadual de Unidades de Conservação (CEUC/SDS), o IDSM é responsável pela co-gestão da Reserva Mamirauá e atua no desenvolvimento de pesquisa, monitoramento e extensão, visando à conservação da biodiversidade da Amazônia pelo uso sustentado dos recursos naturais e participativo das comunidades³.

³ Ver: www.mamiraua.org.br

A pesca manejada do pirarucu é realizada com arpão⁴ e malhadeira durante o período de seca, entre os meses de setembro e novembro, quando os lagos ficam isolados e os peixes são mais facilmente capturados. Para garantir a exploração sustentável dos recursos, o sistema de manejo baseia-se na organização dos pescadores, no estabelecimento de regras de uso e respeito à legislação vigente que permite somente a captura de pirarucus adultos com tamanho acima de 150 cm e fora do período reprodutivo da espécie (1º de dezembro a 31 de março). O manejo de pirarucu representa uma experiência concreta de cogestão de um recurso de importância cultural e econômica para a região. Trata-se de uma atividade desenvolvida por pescadores que possuem uma profunda sabedoria sobre a Amazônia e seus fenômenos naturais cujos objetivos são o incremento em suas rendas, o resgate cultural da pesca artesanal do pirarucu e, principalmente, a conservação da espécie, outrora ameaçada de extinção (AMARAL, 2009).

A atividade é controlada pelos órgãos fiscalizadores da Reserva Mamirauá que realizam o monitoramento anual dos estoques de pirarucu e estabelecem a cota conservativa de pesca. Apenas 30% dos pirarucus adultos são capturados. Esta cota é determinada com base nas contagens realizadas por pescadores treinados pelo Instituto Mamirauá. Como o pirarucu sobe à superfície da água em intervalos de aproximadamente 20 minutos para respirar o oxigênio atmosférico os pescadores observam o tamanho do peixe e podem estimar com precisão a quantidade de peixes no lago.

A documentação fotográfica do manejo

Entre os anos de 2006 e 2009 desenvolvi um trabalho de fotografia documental sobre o manejo de pesca de pirarucu realizado pela Colônia Z-32 de Maraã (COLEPMA, daqui em diante). Inicialmente o projeto tinha o objetivo de registrar as técnicas de captura do pirarucu, seu pré-beneficiamento in loco, transporte e comercialização nos mercados locais e regionais, ou seja, documentar a cadeia produtiva do pirarucu proveniente do manejo de Maraã visando à publicação de uma reportagem.

Durante minha primeira estadia na região, entre os meses de julho e dezembro de 2006, dividia meu tempo na cidade de Maraã entre as pesquisas, as entrevistas nas casas dos pescadores e as coberturas fotográficas de diversas reuniões de organização e preparação para a pesca. Além das pesquisas em Maraã onde pude acompanhar a rotina de vida dos pescadores no dia-a-dia com suas famílias e amigos, realizei diversas viagens ao Complexo do Lago Preto onde o manejo é desenvolvido para acompanhar as atividades como, por exemplo, a fiscalização do local contra a entrada de pescadores e barcos pesqueiros de outras regiões, a contagem de pirarucus, a preparação do acampamento e dos flutuantes de tratamento e monitoramento do pescado, a pesca do pirarucu, o pré-beneficiamento, escoamento e comercialização do pescado nos mercados de Maraã e Manaus.

⁴ A pesca do pirarucu é feita basicamente com dois instrumentos: o arpão e a malhadeira. Arte de pesca muito antiga, o instrumento denominado arpão é, na verdade, composto por três partes: a haste, a arpoeira e o arpão propriamente dito. A haste é feita de paracuuba (*Lecointea amazônica*), uma madeira dura, pesada e resistente com o comprimento de 2 a 3 metros, variando de acordo com a força e o tamanho do pescador. O arpão é feito de ferro fundido e possui uma ponta aguçada com uma ou mais puas barbadadas para perfurar a pele de peixes grandes como o pirarucu. Finalmente, na ponta traseira da haste amarra-se a arpoeira, uma cordinha com cerca de 20 metros, que esticada e presa ao arpão na outra extremidade une-os deixando o instrumento pronto para a pesca.

O resultado do trabalho realizado no ano de 2006 é um acervo com mais de 3.000 fotografias em preto-e-branco, textos em caderno de campo, cópias de documentos oficiais e entrevistas gravadas com pescadores, membros da diretoria da colônia, técnicos em pesca e pesquisadores de diversas instituições privadas e governamentais ligadas à gestão da Reserva Mamirauá em Marã, Tefé, Manaus e Brasília, além de donos de barcos, despachantes, comerciantes, empresários e consumidores.

Em janeiro de 2007 voltei a residir em Goiânia (GO) e, ao revelar os filmes e transcrever e analisar as entrevistas, relatos e descrições em meus cadernos de anotações, percebi que havia produzido uma grande quantidade de dados, reunindo um conjunto de imagens e textos que, se melhor trabalhado, poderia não apenas descrever a cadeia produtiva do pescado manejado de Marã em uma reportagem sucinta a ser publicada em um jornal ou revista, mas sobretudo (re)construir⁵ por meio de um ensaio documental a história do manejo de pesca do ponto de vista social, econômico e ambiental, com foco nas relações sociais entre os pescadores e destes com o meio ambiente.

Nos anos de 2007, 2008 e 2009, não podendo viver em Marã, concentrei minha pesquisa à distância, retornando à região somente durante o mês de outubro, período da pesca do pirarucu. A cada ano, permanecia em Marã por cerca de 20 dias e buscava colher novos dados por meio de fotografias, entrevistas e relatos escritos em caderno de campo que abordassem diferentes aspectos sobre o manejo que, a meu ver, não haviam sido percebidos e/ou coletados nos anos anteriores e poderiam, assim, dar outra perspectiva a minha pesquisa. Ao longo destes quatro anos, não apenas vivenciei todo o processo de organização, produção e comercialização da cadeia produtiva do pirarucu manejado do município de Marã, mas também procurei conhecer a cultura da região e, sobretudo, a cultura do pescador: quem é, onde vive, como se relaciona com amigos, família e o meio ambiente.

A cidade de Marã e os pescadores da Colônia Z-32

A atual sede de Marã foi fundada em 1968 e está localizada à margem esquerda do Rio Japurá (afluente do Rio Solimões e principal via de acesso a cidade) a 615 quilômetros em linha reta da capital Manaus e a 892 quilômetros via fluvial. Com uma população de 17.416 mil habitantes, sendo 4.858 residentes na cidade de Marã e a maioria distribuída nas 96 comunidades ribeirinhas ao longo dos rios da região e de seus afluentes, o município possui 16.911 quilômetros quadrados⁶.

⁵ Uso o termo (re) construir, pois parto do princípio que toda forma de documentação fotográfica, ainda que se pretenda registrar a realidade tal como se vê, traz consigo a subjetividade do olhar do fotógrafo. A meu ver, a câmera fotográfica não é uma reprodutora neutra da realidade. Toda fotografia é, portanto, autoral e traz em seu conteúdo a forma por meio da qual seu autor se exprime. Assim, a construção da história do manejo é feita aqui a partir de imagens e textos produzidos por mim e minha maneira olhá-la.

⁶ Dados IBGE, 2007 e Prefeitura Municipal de Marã.



Figura 2: Mapa do Estado do Amazonas com município de Marã (em rosa) e Manaus (em vermelho).

Fonte: www.manausonline.com.br, acessado em 7 de agosto de 2010 às 18h.

Na composição da sociedade maraense está presente a cultura indígena milenar representada por povos de etnias que habitavam a região antes da chegada dos europeus no continente americano como os Miranha, Cambeba, Kanamarí, Macu, Mura, Ticuna, Katuquina, Carapanã, entre outros. A população do município é formada então pela miscigenação destas etnias com os brancos, negros e mulatos vindos de outras partes do Brasil. No passado a economia de Marã, assim como a economia de todo o Estado do Amazonas, estava voltada para a extração do látex das seringueiras para a produção e comercialização de borracha para os mercados internacionais. Trata-se do ciclo da borracha (1850-1920) na Amazônia, período de forte expansão econômica e intensa miscigenação entre os povos nativos (índios) e os seringueiros, vindos em sua maioria do nordeste brasileiro, atraídos pelas oportunidades de trabalho na região, dando origem ao caboclo. Assim se dá o povoamento do rio Japurá e, mais recentemente, a constituição da população de Marã. Com o passar do tempo, desde a decadência da extração do látex, o caboclo maraense buscou a sobrevivência extraindo produtos naturais como a pesca do pirarucu, do peixe-boi, da tartaruga e principalmente o extrativismo (castanha do Pará, sova e madeira de lei) (BRITO, 2007).

Os pescadores da COLPEMA (sobretudo as mais velhos) são, portanto, o caboclo ribeirinho semi-analfabeto que se originou da mistura entre o nordestino e o índio. Geralmente, são pais e mães de uma grande família, pessoas sem muitas ambições e desprovida de vaidades. Como sua cultura é fruto dos costumes indígenas, os pescadores da região preocupam-se apenas com o básico para sobreviver hoje, o que vai comer e os apetrechos necessários para a produção de seu alimento, como define o maraense Edson Siqueira de Brito, atual Secretário de Meio Ambiente e professor há 13 anos nas escolas municipais da cidade:

“O pescador não é uma profissão, mas é uma cultura, porque o pescador mesmo, o pescador que vive da pesca, que se criou, que foi ensinado a pescar ele dispensa qualquer outro emprego de salário mínimo pra ficar na proa da canoa [...] O pescador é o semi-analfabeto e o analfabeto, é o ribeirinho também, que o pescador mesmo morando aqui na cidade ele tem a sua benfeitoria na margem do rio. O pescador é o conhecido caboclo amazonense, é um cidadão que se originou da mistura, da miscigenação do nordestino com o índio, é o caboclo mesmo. O pescador é o pai (ou mãe) de família que tem, no mínimo, como te falei 6, 8, 10 filhos pra criar. Tem família de costume. Culturalmente o pescador é aquele cidadão que tem uma grande família pra sustentar. Ele não anda bem vestido, é aquele que não cuida, que não liga muito pra maquiagem, pra beleza, entendeu? Ele é

Por tradição o homem sempre foi o responsável pela caça e pesca nas comunidades da Amazônia e isso ainda se reflete na organização de muitas famílias de pescadores de Maraã. O manejo de pirarucu da COLPEMA é uma atividade pesqueira reconhecidamente masculina: dos mais de 600 sócios da instituição, cerca de 200 são mulheres. Trata-se de um número expressivo, no entanto, o número de mulheres que pescam é muito inferior ao número de homens pescadores, ainda mais quando se trata da pesca com arpão. Este instrumento de pesca exige força e, principalmente, conhecimentos específicos sobre o movimento do pirarucu na água. Portanto, destacam-se as mulheres que se dedicam à pesca com arpão pela sabedoria, agilidade e força no uso deste instrumento.

Questionada sobre quando e como começou a pescar, Maria Antônia da Silva responde: “Desde criança, porque eu fui criada sem pai e tinha que pescar para comer. Depois que eu casei, comecei a andar por estes lago com meu marido. Aprendi um pouco com ele, mas quando eu era criança eu já arpoava, flechava bem, usava anzol, tudo”.



Figuras 4 e 5 – Maria Antônia da Silva é uma das mais antigas pescadoras da COLPEMA. Aqui ela pesca com arpão sobre o capim e leva em sua canoa uma caixa de isopor com gelo para guardar água fresca e peixes miúdos para a refeição durante a pesca nos lagos. Lago Fundo. 31 de Outubro de 2006.



Figuras 6 e 7 – Ester Severiano de Oliveira é uma das poucas pescadoras que usa o arpão para pescar pirarucu. Aqui ela navega e pesca sozinha na Bacia do Lago Preto. Outubro de 2007.

As mulheres e a pesca em família

Apesar de não pescarem, muitas mulheres são parentas (esposas, mães, irmãs) de pescadores e os acompanham na canoa durante a pesca nos lagos. Elas os ajudam a remar e a transportar a carga e são responsáveis também pela montagem do acampamento e o feitiço das refeições. A pesca nestes casos é realizada em conjunto, pois a mulher ajuda na colocação da malhadeira e na captura e retirada dos pirarucus da água. Na pesca em família, além de a mulher cuidar dos filhos que não podem ficar sozinhos em casa, ela prepara o almoço à beira do lago para seu marido, garantindo-lhe mais tempo e comodidade para capturar todos os pirarucus de sua cota.



Figura 8 – O pescador leva esposa e filhas para a pesca. Enquanto ele pilota com o motor na polpa da canoa, a esposa, sentada na proa, orienta seu marido sobre possíveis obstáculos no caminho como troncos e vegetação. Com um remo na mão, ela também pode ajudar no direcionamento da canoa. 27 de outubro de 2006.



Figura 9 – Pescador leva sua família na canoa. A caixa de isopor serve para guardar água fresca e conservar peixes pequenos. A esposa traz farinha, algumas frutas e outros alimentos para preparar a refeição para toda a família. Com um guarda-chuva, ela protege seus filhos contra o sol que também ajudam o pai na captura dos pirarucus. Lago do Canivete, Maraã, 27 de outubro de 2006.



Figura 10 – Esposa de pescador prepara almoço a beira do lago. Na panela, ela mexe o ensopado de aruanã (*Osteoglossum bicirrhosum*) enquanto assa os bodós (*Hypostomus plecostomus*) na churrasqueira improvisada feita com galhos cortados das árvores e lenha de paus secos da floresta. Lago do Canivete, Maraã, 27 de outubro de 2006.



Figura 11 – Maria Alduce Gomes da Silva acompanha seu marido todos os anos durante a pesca manejada no Complexo do Lago Preto. Sob a barraca feita de madeira e coberta com lona plástica, ela prepara as refeições e cuida dos filhos enquanto o marido pesca nos lagos. 27 de outubro de 2006.



Figura 12 – Terezinha de Jesus Assis Marques não pesca, mas é responsável pela organização do acampamento de sua família onde cuida da limpeza e do preparo das refeições do marido e filhos que chegam dos lagos com fome após um longo dia de pesca. Complexo do Lago do Preto. Outubro de 2007.

As mulheres no monitoramento da pesca

Além da pesca e da organização e limpeza do acampamento, as mulheres participam de outras atividades do manejo como, por exemplo, os serviços administrativos na sede da instituição e, principalmente nos trabalhos de monitoramento da pesca.

Depois de capturados os pirarucus são trazidos pelos pescadores ao flutuante de pré-beneficiamento onde são recebidos pelos tratadores que irão eviscerá-los antes de seguirem para a próxima etapa do manejo: o monitoramento.

O monitoramento da pesca constitui-se de três procedimentos: a colocação do laque nos pirarucus que os identificam como provenientes das áreas de manejo, a medição de seu comprimento e sua pesagem. A equipe de monitoramento é composta por homens e mulheres. Eles colocam os lacres, medem e pesam os peixes. Elas colhem os dados do pescador e dos seus peixes e preenchem as fichas de monitoramento para o controle da atividade nas quais são anotados o nome do pescador, sua categoria de sócio, o tempo que gastou pescando, o nome do lago, o instrumento utilizado na pesca e, por fim, o peso e a medida do peixe.



Figura 13 – As monitoras são responsáveis pelo preenchimento das fichas com os dados dos peixes e dos pescadores que são divididos em grupos por ordem alfabética para facilitar o trabalho de monitoramento. Complexo do Lago Preto, outubro de 2009.



Figura 14 – Monitores medem pirarucu enquanto são observados pelos pescadores e fiscais da pesca. Eles falam em voz alta a medida do peixe que nesse momento é anotada nas fichas de monitoramento pelas monitoras sentadas a mesa ao fundo. Complexo do Lago Preto, outubro de 2007.



Figura 15 – Monitoras observam a pesagem do pirarucu e anotam seu peso nas fichas de monitoramento. Complexo do Lago Preto, outubro de 2007.

Considerações finais

O manejo de pesca do pirarucu da Colônia Z-32 de Maraã é a realização de um sonho para seus sócios que vivem exclusivamente do pescado, pois o lucro desta atividade é revertido em bens materiais para melhorar a sua qualidade de vida. Além dos aspectos financeiros, essa pesca apresenta também importantes aspectos sociais, culturais e ecológicos, já que promove a sociabilidade dos pesadores e o espírito de coletividade, resgata os valores culturais da pesca artesanal e estimula a preservação do meio ambiente por meio de uma atividade ambientalmente responsável.

Diante deste contexto, as mulheres do manejo estão cada vez mais buscando se inserir no processo de produção do pescado manejado de Maraã. No primeiro ano de manejo (2002), a Colônia Z-32 contava apenas com pouco mais de 50 homens que são os sócios fundadores da instituição. Atualmente, além dos homens, as mulheres também atuam em quase todas as etapas do manejo. São pescadoras, monitoras, secretárias, ajudantes e se ocupam das mais variadas funções durante os trabalhos de organização do manejo na cidade de Maraã ou nos lagos onde a pesca é realizada.

Ao participarem do manejo elas não somente aumentam a renda de suas famílias e seu próprio poder de escolha e consumo, como também dão visibilidade à classe feminina, promovendo a auto-estima e estimulando outras mulheres aos trabalhos do manejo, seja no exercício de suas atividades burocráticas ou na prática da pesca em si.

Eu enviei a sede da COLPEMA três álbuns com cerca de mil fotografias e 50 pôsteres que eu havia realizado no primeiro ano da pesquisa (2006). Em 2007, 2008 e 2009, ampliei muitos retratos em formato 15 por 21 cm e entreguei pessoalmente aos respectivos retratados.

Além de poderem ter seus retratos expostos em suas casas, os pôsteres que eu enviara foram fixados nas paredes da sede da COLPEMA e todos que por lá passavam viam tais imagens. É a visualidade do manejo materializada ajudando a construir, de alguma forma, a história da instituição no imaginário coletivo da cidade. Assim, as fotografias das mulheres do manejo trazem também a representação feminina diante de uma sociedade para a qual a pesca é tida como uma atividade restrita aos homens.

Entrevistas

Edson Siqueira de Brito, Secretário de Meio Ambiente de Maraã. Entrevista cedida a Rafael Castanheira em outubro de 2007.

Maria Antônia da Silva, 53 anos, pescadora. Entrevista cedida a Rafael Castanheira em 31 de outubro de 2006.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Ellen. **O manejo comunitário de pirarucu (Arapaima gigas) como alternativa econômica para os pescadores das Reservas Amanã e Mamirauá, Amazonas, Brasil**. Belém, Pará, 2009. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Gestão dos Recursos Naturais e desenvolvimento local na Amazônia (PPGEDAM / UFPA).

BARTHEM, Ronaldo. A pesca comercial no médio Solimões e sua interação com a Reserva Mamirauá. In: QUEIROZ, H.L.; CRAMPTON, W. G. R. (Eds.) **Estratégias para o manejo de recursos pesqueiros em Mamirauá**. Brasília: Sociedade Civil Mamirauá/Ministério de Ciência e Tecnologia /Conselho Nacional de Pesquisa, p.72-106, 1999.

BRITO, Edson Siqueira. **História de Maraã**, 2007, no prelo.

QUEIROZ, H.L.; SARDINHA, A. D. A preservação e o uso sustentado dos pirarucus em Mamirauá. In: QUEIROZ, H.L.; CRAMPTON, W. G. R. (Eds.) **Estratégias para o manejo de recursos pesqueiros em Mamirauá**. Brasília: Sociedade Civil Mamirauá/Ministério de Ciência e Tecnologia /Conselho Nacional de Pesquisa, p. 108-141, 1999.

SCM - Sociedade Civil Mamirauá. **Mamirauá management plan**. SCM, CNPq/MCT. Brasília, 1996.